

SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS DE PROFESSORES PARANAENSES

Ricardo Desidério da Silva – CiPESS/UEL¹
Ana Maria Teresa Benevides-Pereira – PCM/UEM²
Ourides Santin Filho – PCM/UEM³

Introdução

Em nossa vida cotidiana, todos nós nos defrontamos com questões ligadas à sexualidade. Contudo, o assunto ainda é considerado por muitos, principalmente pelos educadores, como um desafio. Mas, afinal, por que abordar este tema não é uma tarefa fácil? Evidentemente não existe resposta fácil para essa questão. Para além dos tabus e das concepções puritanistas de uma sociedade fundada e substancialmente impregnada de proibições religiosas, há questões de preconceito e, pior ainda, a própria ignorância sobre o que vem a ser sexualidade.

Não são poucas as pesquisas sobre sexualidade e uma análise da literatura permite formar um quadro claro sobre o problema. Para Nunes (2005, p.13), abordar questões de sexo não é simples porque existe “um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade”, que se encontra envolta em valores morais que determinam comportamentos, usos e costumes sociais.

Alves e Chaves (2007) descreveram, em um estudo sobre as necessidades e as dificuldades da Educação Sexual, na visão dos professores de Ciências de Porteirinha-MG, barreiras como: falta de recursos didáticos específicos, incompreensão dos pais sobre o assunto, existência de preconceitos, além de questões religiosas, timidez e até insegurança para debater o tema.

Entretanto, conforme Nunes (2005) salienta vivemos num ambiente “sexualizado” que nos obriga a uma reflexão. As últimas décadas provocaram enormes mudanças

¹ Professor Mestre e Educador Sexual, integrante do CiPESS- Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade da Universidade Estadual de Londrina- UEL/PR. E-mail: rickdesiderio@hotmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Maringá- UEM/PR. E-mail: anamariabenevides@hotmail.com

³ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Maringá- UEM/PR. E-mail: osantin@uem.br

na forma de se compreender e viver a sexualidade, que acabaram por se refletir nos valores, nos comportamentos, na linguagem, no modo de vestir, nas músicas, nos filmes e nos relacionamentos dos dias atuais.

A proposta curricular da Secretaria da Educação e do Desporto do município de Florianópolis-SC mostra que a sexualidade “se constitui numa elaboração histórica e cultural, que se explica e se compreende no contexto” das relações sociais (BRASIL,1997, p.17). Neste sentido, a sexualidade não se reduz apenas às questões biológicas e tampouco pode ser confundida com o ato sexual reprodutivo.

Segundo Figueiró (2006), este tema ultrapassa a dimensão biológica e as questões trabalhadas na escola precisam envolver reflexões individuais e coletivas. Este exercício permitirá ao aluno reconhecer-se enquanto sujeito de sua própria sexualidade e o levará a construir práticas positivas e saudáveis para o desenvolvimento de sua vida.

Falar sobre este assunto é preparar o indivíduo para a vida, capacitando-o para amar e para sentir a felicidade de amar. É necessário salientar também que não nascemos homens ou mulheres, mas sim machos e fêmeas da espécie humana. Acabamos, entretanto, produzindo-nos enquanto homens e mulheres na relação com outros seres humanos. Somos então capazes de dar sentido e significado, de atribuir valores, de desenvolver regulamentos e de normatizar os relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais, pois cada um de nós, em cada tempo e lugar, cria, recria e busca formas para viver e expressar a sexualidade. (BRASIL, 2001).

Neste sentido, é fundamental apaixonar-se por esta vivência e expressão da sexualidade. De acordo com Alves (2008), a paixão é o segredo do sentido da vida. O êxito da atuação do educador depende, fundamentalmente, do amor e da paixão, tal como esta é desenvolvida.

Figueiró (2006) utiliza a expressão de Alves (2008) “acordar o educador”, pois acredita que, ao se investir na formação continuada do professor, não basta repassar apenas as informações técnicas de como ensinar, mas é preciso despertar o educador que existe dentro de cada um, pois isso garantirá comprometimento e paixão, além da competência técnica.

Para Alves (2008), no sujeito que assume a tarefa de ensinar, duas são as dimensões presentes: a de educador e a de professor. O educador habita em um

mundo onde as pessoas definem-se por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos, enquanto o professor é um funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas, ou seja, administrado o tempo todo.

Logo, ao se propor que a escola trate as questões da sexualidade numa perspectiva dos direitos do cidadão e sob os princípios da equidade, insere-se, imediatamente, a discussão do professor como Educador Sexual.

Os cursos de formação de professores, na sua quase totalidade e por conta de uma tradição “familiar”, carecem de discussão sobre este tema. Desta forma, modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo reproduzem-se, pela falta de uma contestação crítica, pautada em bases fidedignas e pela omissão destas instâncias. Assim sendo, faz-se necessária a abordagem da Educação Sexual nas escolas, pois nela pode-se compreender que os fenômenos sócio-culturais atingem a sociedade e, mesmo existindo casos específicos e individuais, os debates sobre sexualidade devem extrapolar o âmbito pessoal. Ao se resgatar a construção histórica, traz-se à tona concepções e polemicas envolvendo o assunto, que atingiram as pessoas em uma dada sociedade e cultura (Furlani, 2007). Furlani também nos adverte sobre a “tradição familiar” ao discutir este tema.

Segundo Werebe (1998), a Educação Sexual Informal, realizada no âmbito da família, tem uma importância particular para o desenvolvimento da criança e para a formação de idéias sobre a família, sobre o amor e a sexualidade, o que influencia a visão de mundo do indivíduo quando adulto, que, a partir dessas concepções, passa a construir uma imagem de si mesmo. Essa Educação Sexual é determinada pela organização familiar, pelas condições de vida da mesma e pelas relações entre seus membros. Os pais desempenham o papel de educadores no domínio da sexualidade e, muitas vezes, de forma inconsciente, assumem medidas e atitudes nas questões direta ou indiretamente ligadas à vida sexual, sem uma preocupação com a conduta tomada, educando mais pelo que fazem do que pelo que dizem.

Werebe (1998, p. 149) também afirma que “nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto”.

Segundo Caridade (1997), a escola precisa continuar o trabalho de Educação Sexual repensando dimensões esquecidas, visões distorcidas ou negadas sem,

contudo, substituir a família. A interação família-escola torna-se fundamental para que esta questão não se torne alvo da duplicidade tanto de discursos como de atitudes em seu processo educacional.

Quanto a esse processo, Werebe afirma que “a escola desempenha um papel importante na Educação Sexual dos alunos, independente das intervenções formais que possa lhes oferecer neste campo” (WEREBE 1998, p.149).

A escola constitui hoje um espaço privilegiado para a implantação de ações que promovam o fortalecimento da auto-estima e do auto cuidado; para uma preparação que vise vivência da cidadania; para o estabelecimento de relações inter-pessoais mais respeitadas e solidárias bem como para a melhoria da qualidade de vida, que é estar de bem consigo mesmo, com a vida e com as pessoas queridas. Enquanto isso, na escola, todos os professores, independente da sua área de formação, podem desempenhar o papel de Educadores Sexuais.

Figueiró (2006) parte do princípio de que todos somos Educadores Sexuais: os pais, os professores, os demais profissionais e a comunidade em geral, uma vez que, no contato com crianças, adolescentes e jovens, acabamos passando mensagens mesmo sem perceber, contribuindo, assim, para que os educandos construam suas idéias, seus valores e seus sentimentos. São representadas pela maneira de ser, vestir e agir, pelas idéias e valores que transmite e até mesmo pelo tratamento que dispensa aos alunos de ambos os sexos conforme salienta Werebe (1998). Desta forma, a preocupação recai em como as atitudes, os posicionamentos e as condutas dos professores se apresentam aos alunos.

Apesar de saber que a Educação Sexual pode ajudar a reduzir o índice de gravidez na adolescência e a auxiliar na prevenção de DST, acreditamos ser de especial relevância fornecer subsídios para que o professor reflita sobre o fato de que o conhecimento do próprio corpo e da sexualidade faz parte de todo trabalho nas escolas, além de ser um direito de toda criança e adolescente (Simonetti, 1994).

Guimarães (1995) também destaca que a Educação Sexual apresenta o grande risco de se tornar essencialmente repressiva, caso seja realizada sem o devido planejamento e sem o preparo dos professores, pois pode transformar-se em doutrinação.

Buscando compreender melhor como tem sido as aulas de Educação Sexual nas escolas, este estudo teve como escopo investigar as atitudes e crenças de professores sobre sexualidade a partir da análise de seus discursos em entrevistas com um dos autores.

Metodologia

Esta pesquisa emprega tanto uma abordagem qualitativa quanto quantitativa, procurando identificar as atitudes e crenças sobre sexualidade em docentes. Trata-se de um estudo empírico e transversal composto por um espaço amostral de cinco professores de ambos os sexos, de escolas públicas da cidade de Londrina-PR.

A coleta de dados foi executada a partir de entrevistas semi-estruturadas, que versaram sobre a concepção do professor sobre sexualidade e de como acreditam que seria sua reação diante de três situações em sala de aula: a) reação dos alunos ao abordar o tema, b) aluno se manifestando como homossexual e c) aluno se masturbando.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Nas escolhas acima, procurou-se empregar situações fictícias mas possíveis, para que houvesse maior possibilidade de aproximação dos entrevistados com o assunto, saindo do terreno puramente teórico para se avizinhar ao concreto.

Para avaliação das transcrições, empregou-se o método de análise de conteúdo segundo a modalidade denominada Temática, conforme o que dispõe Bardin (2007).

De acordo com essa autora, a análise de conteúdo se caracteriza por

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2007, p.37).

No conjunto de procedimentos conhecido como Análise de Conteúdo, existe uma técnica denominada Análise Temática que, como o próprio nome diz, se fundamenta no tema. Para Bardin, “tema é uma unidade de significação que se liberta

naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2007, p.99).

Resultados e discussão

Inicialmente, serão apresentados os dados básicos de cinco professores da amostra. Na seqüência, cada um será descrito segundo suas características pessoais e profissionais. A fim de preservar a identidade dos integrantes, seus nomes foram substituídos. Na Tabela 1 tem-se a caracterização da amostra.

Tabela 1 – Grupo de professores paranaenses entrevistados

Nome	Idade	Sexo	Disciplina	Tempo de Docência	Horas/Aula semanais	Grupo de Estudos
Elisa	47	Feminino	Ciências e Biologia	18	40	Não
Tânia	45	Feminino	Química, Física, Biologia e Matemática	23	40	Sim
Gabriela	28	Feminino	História	2	40	Não
Gilberto	45	Masculino	Matemática	24	40	Sim
Soraya	51	Feminino	Geografia	14	40	Sim

Como é comum ocorrer na carreira docente, a maioria dos professores (N=4; 80%) é do sexo feminino, assim como tem uma carga horária de 40 horas semanais (N=4; 80%). Três deles recém começaram a freqüentar um Grupo de Estudos sobre Educação Sexual (GEES). Apenas uma única integrante leciona há menos de 10 anos. As palavras e/ou frases foram assinaladas em negrito para salientá-las no texto. Assim como, utilizamos o sublinhado para destacar os professores que participaram do GEES.

Quando perguntado aos professores o que é sexualidade, Elisa considera como um processo natural e que faz parte de todo ser humano **“eu acho que a sexualidade, você nasce com ela, porque são todos os seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias, a felicidade, a tristeza [...]. A sexualidade é natural”**. Gabriela também acredita ser algo natural e próprio de cada um **“O fato de a pessoa ter a sexualidade é algo natural, algo próprio do ser humano[...].”**

Elisa e Gabriela consideram a sexualidade como algo natural. Entretanto, tal discurso pode se evidenciar como *uma atitude, por vezes, preconceituosa ou conservadora*, como assinala Nunes:

Muitas vezes o argumento do “natural” é a forma mais cabal do preconceito ou do conservadorismo. Pois se poderá afirmar que são “naturais” o poder, o domínio e a brutalidade no homem, como a “meiguice e ternura” são dotes “naturais” da mulher. É preciso rejeitar este simplismo (NUNES, 2005, p.18).

Para Tânia, só depois que começou a fazer um curso de formação de educadores sexuais é que sua visão de sexualidade começou a mudar: **“Depois do curso que estou fazendo, é tudo o que está relacionado, realmente, à expressão no dia-a-dia [...]. O gesto, o dia-a-dia, a convivência, o amor e até mesmo o diálogo entre duas pessoas”**.

Para Gilberto a sexualidade poderia ser substituída pela palavra “vida” e ela está presente em todas as nossas atitudes “[...], **sexualidade é vida**. [...]. *Seja, por exemplo, a maneira de se vestir, de se comportar, uma maneira de você passar um batom, uma maneira de você ver um penteado diferente*”. Soraya também associa sexualidade à emoção.

Tânia alega que depois que começou a fazer o curso, considera a sexualidade como algo natural, algo que vamos conquistando e aprendendo no dia-a-dia *“Hoje eu vou falar um pouquinho, mesmo, o que é o sexo em si, o que a gente tem que fazer [...]. Eu não vou ficar mais vermelha como ficava há 20, 30 dias antes de entender um pouquinho mais”* e revelando o quanto lhe era difícil abordar o tema. Observa-se o quanto esta professora considera relevante a oportunidade de rever suas crenças sobre sexualidade **“É importante a gente falar isso; hoje eu vejo que é importante; Eu até pequei em algumas aulas, por ficar brava”**.

No entanto, apesar do curso, verifica-se a dificuldade em abordar a questão. Soraya, também participante do mesmo curso, relata *“É... então, na verdade, esse assunto, querendo ou não, a gente ainda tem uma certa reserva, um pouco de medo, assim, às vezes, de falar um pouco sobre o assunto”*.

Os docentes também foram perguntados sobre o fato de os alunos fazerem piadinhas e gracejos quando se propõem a abordar sexualidade. Nesta questão, Elisa respondeu que tenta explicar a eles que sexualidade não é só o ato sexual, mas que envolve também toda uma questão de sentimentos *“Então, quando você diz, vamos falar em sexualidade, já vem pergunta assim: “Professora, e aula de*

*laboratório”? Eles já levam pra esse lado. [...]. Só que daí, no caso, **eu já explico pra eles que sexualidade não é isso**”.*

Conforme Chauí (1984), verificamos em nossa sociedade, de uma forma geral, o que denomina de “fenômeno curioso”, onde algo biológico e natural (sexo) passa por mudanças quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação, ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história.

Sexo e sexualidade. Sexo, entendido nesta pesquisa como marca biológica e animal. Sexualidade, marca humana, cultural, histórica, econômica, política e até religiosa quando necessário ou conveniente. Entretanto, alguns professores afirmaram que os alunos confundem sexo e sexualidade, porém, esta compreensão não é consenso entre os próprios docentes. Apesar de apontarem a diferença, por vezes algumas falas destes indicavam não haver distinção.

Para Gabriela, quando os alunos acabam relacionando sexualidade a sexo, ela não descarta a possibilidade de falar sobre este tópico. Nota-se na sua fala o mesmo direcionamento que o dos alunos “[...] nós vamos, sim, falar de sexo, mas que nós vamos fazer esclarecimentos. [...] **Eu tentaria separar assim e falar pra eles: uma coisa é o ato sexual e cada um pra si, outra coisa é sexualidade, a maneira como cada pessoa lida com o sexo**”.

Gilberto que alega gostar de falar deste tema, diz que nem é preciso puxar o assunto: “*Então, [...], não precisa nem falar; eles falam primeiro, eles estão querendo informação, eles estão buscando de uma maneira mais explícita ou menos explícita*”.

Em relação à dificuldade em abordar assuntos relativos à sexualidade em sala de aula Elisa apresentou-se segura no tratamento a essas questões “*Eu, particularmente, não. Não tenho dificuldade nenhuma em falar sobre isso*”. Para a professora a sua própria vivência facilitou esse diálogo com os alunos “*Eu não recebi isso da minha mãe. [...] Eu tive que aprender isso daí... eu procurei uma vizinha minha, [...] aquilo que minha mãe não passou pra mim*”.

Os professores referiram não ter tido oportunidade de discutir sobre sexualidade com os pais e, para alguns, o tema era visto como feio, pecaminoso. Tânia expõe “*É... eu achava que era pecado... Porque a forma como a gente foi educada foi assim. **Infelizmente, meu pai e minha mãe são muito conservadores e isso foi passado pra gente, queira ou não***”. Soraya conta que “[...] **eu acho que eu tenho**

essa dificuldade, hoje, devido a esse motivo. A gente não tinha essa abertura pra conversar com o pai e com a mãe". Observa-se seu embaraço em utilizar a palavra sexo. Ao abordar o tema, refere que temos que "[...] procurar falar com o aluno de uma maneira, assim, mais simples, que eles entendam que **aquilo não é uma coisa pecaminosa. Então, falar aquilo com mais naturalidade para que eles não levem pro lado da malícia [...]**".

Para Gabriela falar sobre o tema não é problema, mas a sua maior dificuldade é encontrar uma linguagem adequada para utilizar com os alunos. **"Falar pra mim, não tem problema. O problema é como falar sem chocar, sem... Dependendo, parece até agressivo pra eles, né, pode até ser assustador. Então, é tomar cuidado com isso, e isso é o que me trava"**.

Gilberto acredita que o bom relacionamento ajuda na hora de abordar o assunto **"Então, isso é algo que eu consigo através da experiência um pouco, através da minha metodologia de trabalho, eu tenho um vínculo muito grande de afeto, de carinho, de atenção, além da questão profissional"**.

Nesta investigação, pudemos observar que os professores consideram importante abordar questões relativas à sexualidade com os alunos, principalmente porque acreditam que eles têm muito interesse pelo tema, além de ser um assunto de que eles gostam. Entretanto, fica evidente que há dificuldade em se falar sobre o tema. Gilberto e Soraya, por exemplo, justificavam-se pela necessidade de conhecer termos científicos para, então, falarem sobre o assunto com os alunos.

Alguns docentes afirmam não encontrar uma linguagem adequada para utilizar com os alunos, como foi relatado pela professora Gabriela. Para Nunes (2005):

Não temos "linguagem" para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, freqüentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la...(NUNES, 2005, p.15)

Outros consideram normal abordar estas questões mas, diante das situações apresentadas, sentiram-se encabulados ou chocados, muitas vezes apresentando uma *atitude de bloqueio*, que está diretamente ligada à *crença do sexo como pecado*.

Muitos professores acreditam que a dificuldade exista pela falta de uma formação específica e de uma Educação Sexual Informal que, segundo Figueiró (1999, p.3), são “ações não planejadas, acontecidas no dia a dia”, ou até mesmo em consequência de uma educação repressiva que receberam dos pais.

Furlani (2007) adverte-nos quanto a essa “*tradição familiar*” e acredita que as ausências de discussões sobre a temática somam-se aos modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo. Para a autora, este seria então o momento em que a abordagem da Educação Sexual reveste-se de forte importância nas escolas.

Sobre a possibilidade de algum aluno se declarar homossexual diante da classe, Elisa relata que no momento que surge qualquer piada em relação aos alunos homossexuais ela simplesmente faz uma piada sobre um aluno heterossexual “***Eu simplesmente joga uma piada em cima de um heterossexual. Daí eu começo a expor o ser humano em si, e quem é ser humano, se ele é mais ou se ele é menos porque ele é homossexual, [...]***”.

Tânia não se considera tão preconceituosa como antes, mas tem consciência da necessidade de mudança, até mesmo por conviver ao lado de homossexuais “*Olha, eu era contra, pra ser sincera, eu não gostava, não tinha amizade e, de repente, eu me vi em situação que eu preciso acostumar com a idéia, porque, queira ou não, eu tenho uma pessoa em minha convivência*”.

Para Gabriela essa situação só a deixaria preocupada em saber o porquê o aluno fez essa revelação em sala de aula, pois quanto a sua orientação sexual seria considerado como algo normal.

Gilberto relata jamais permitir piadinhas em sala, mas acredita ser fundamental que cada um se dê ao respeito primeiro para ser respeitado “[...] *o aluno, a aluna ou a pessoa tem que se dar o respeito e se valorizar, porque, muitas, vezes, o revide vem porque houve uma provocação, uma manifestação explícita de algo a mais*”.

Para Soraya, a existência de homossexuais em sala de aula é muito comum, mas nota-se certa dificuldade em lidar com a situação, até mesmo pelo próprio preconceito relatado pela professora, principalmente quando ela fala “*e não procuro ficar fazendo... tentar a minha opinião, assim, ser contra **aquilo** [...], **agora, eu penso assim, mas antes eu não pensava***”.

Para a professora, essa mudança de pensamento está acontecendo com o passar do tempo “[...] Então, **não adianta você ser contra aquilo**; [...] Então, **eu estou procurando me corrigir e aceitar melhor isso**, porque eu sei que é uma falha minha [...]”.

Outro ponto importante a se destacar é que Soraya “percebe” a presença de homossexuais em sala, até mesmo pela maneira como eles [os alunos] se comportam.

Mott (2003), ao apresentar os tipos de homossexuais, faz um lembrete muito importante:

[...] a aparência externa não traduz necessariamente as fantasias e práticas sexuais individuais, pois há efeminados que não são gays, e machões que na cama viram “fobonecas”. Há muitos estilos de vida, várias formas de viver suas preferências sexuais. Todos têm direito de viver como querem, desde que respeitem a liberdade alheia. Temos que aprender a conviver com a diversidade, aceitar o pluralismo, respeitar o diferente. Cada qual se assume quando e o quanto quiser. Em questão de sexualidade não há receita única, nada é completamente certo ou errado. O único limite à nossa liberdade sexual é a liberdade alheia. Cada qual na sua e todo mundo numa boa. (MOTT, 2003, p. 15-16)

Podemos também observar que alguns professores se surpreenderam com o fato de um aluno se revelar homossexual em sala de aula, não entendendo o porquê, quando, na verdade, eles estão se questionando, pois não sabem como agir diante de tal situação.

Mott sugere algumas ações aos educadores, das quais destacamos: *“A primeira atitude é não se surpreender nem fazer escândalo: homoerotismo sempre existiu, sobretudo entre adolescentes. O estranho seria a ausência de estudantes com tendências ou conduta homossexual”*. (MOTT, 2003, p.74).

Diante de todo esse contexto, será que é importante abordar temas relativos à sexualidade com os alunos? Vejamos como se manifestaram os docentes diante dessa questão.

Para Elisa a escola é a melhor saída para discutir essas questões, já que na família o assunto não é abordado *“porque em casa, não são todos os pais que esclarecem isso daí. Eu penso que você **aprender em casa ou aprender com um professor na escola que consegue tratar bem o assunto, a aprender na rua, se***

o pai não fala, é melhor aprender na escola". Gabriela acredita que sua própria disciplina (História) acaba por favorecer a abordagem destas questões, pois faz parte da cultura e possibilita falar sobre " [...] **como eles lidam com o sexo, quais eram os tabus, como as coisas vão mudando, eles ficam interessadíssimos.**"

Sobre a possibilidade de um aluno vir a se masturbar em sala de aula, Elisa relata que essa situação já aconteceu com outra professora na escola em que ela trabalhava. Segundo ela, o aluno se masturbava e se limpava na cortina, no entanto, apenas depois de acontecer umas duas ou três vezes é que a direção foi comunicada, que por sua vez notificou a supervisão *"E daí jogaram pra quem? Joga pro professor de Ciências e Biologia, infelizmente"*. Expõe ainda que conversou com o aluno para saber o porquê dele se masturbar na aula e depois foi falar com a turma. Narra que em sala, após sua explanação

Daí já veio as perguntas se era pecado se masturbar, se dava espinha se masturbar, e todas aquelas perguntas. Daí eu fui explicando pra sala que não é pecado, que não dá espinhas, mas **o porquê não deve se masturbar, porque segundo eu fiquei sabendo, tanto a mulher como o homem, se começarem a se masturbar, pode trocar o homem pela masturbação, no caso da mulher, e o homem trocar a mulher, porque ele sabe o ponto dele, mas que não era pecado e eles aceitaram numa boa.**

Os outros professores confessam não ter passado por uma situação como esta, mas Tânia acredita que ela iria se assustar, mas tentaria falar sobre o assunto. Gabriela diz que comentaria em classe que se trata de uma coisa normal, mesmo não considerando ser, *"Eu ia falar que é uma coisa normal. Pra mim não chega a ser uma coisa completamente normal, faz parte de descobrir a sexualidade"*. A professora também crê que iria ficar constrangida com esta situação.

Soraya, apesar da dificuldade da circunstância, se ampara na perspectiva de receber apoio *"É... eu acho assim, na hora a gente vai ficar assim um pouco constrangida, mas eu acho que eu vou ter suporte pra controlar a situação"*.

O professor Gilberto acredita que mesmo se tratando de um tema que envolve sexualidade, essa situação pode chocá-lo *"[...] por mais que eu esteja aberto, por mais que eu goste de tratar do assunto, por mais que qualquer outra coisa, é uma cena que choca qualquer um"*.

Quanto à masturbação, podemos observar que o tema ainda é descrito como algo “assustador”, tendo como objeto mobilizador duas situações: a masturbação em si e o fato dela poder ocorrer em sala de aula.

Para Furlani (2007), a masturbação não deve ser encarada “com o preconceito repressor que vem sendo conferido, principalmente, às crianças e jovens que a praticam” (p.135). Segundo a autora, uma das idéias que constituem a crença sobre masturbação é a de que “quem muito se masturba não tem interesse em praticar sexo com parceiro(a)” (p.136). Podemos observar que a professora Elisa manifestou claramente esta crença ao comentar como reagiria com seus alunos caso viesse a se defrontar com tal situação.

[...] pode-se considerar que, de um modo geral, há uma preferência em se praticar o sexo com um (a) companheiro (a). Contudo, sabemos que não se trata apenas de uma questão de preferência e sim de oportunidade. Optar por masturbar-se pode independe da vontade, uma vez que a necessidade orgânica pelo sexo (o extravasar sexual) é uma realidade tanto para os homens como para as mulheres, podendo ocorrer, portanto, em qualquer época da vida. (FURLANI, 2007, p.137)

Egypto e Egypto (1990) também consideram um mito dizer que “a pessoa que aprende a desfrutar de um tipo de prazer sozinha teria dificuldade de encontrar prazer com um companheiro ou companheira” (p.31):

Há várias formas e vários graus de prazer e não se pode medi-los. A mesma pessoa é capaz de sentir tipos e graus diferentes de prazer, sozinha ou acompanhada, conforme esteja mais disposta ou cansada, preocupada ou mais satisfeita. [...] Também as pessoas que têm vida sexual regular com parceiros podem recorrer e recorrem à masturbação, seja porque desfrutam de um tipo diferente de prazer, seja para aliviar tensões, seja porque está impossibilitado ou ausente. (EGYPTO e EGYPTO, 1990, p.31-32)

Em relação à masturbação em sala de aula, Figueiró (2008) afirma que, em primeiro lugar, é natural que todos toquem em seus genitais e que possam descobrir que isso dá prazer e é bom, além de não ser necessário desviar a atenção da criança para alguma atividade, desde que não haja outras pessoas no mesmo ambiente. Porém, como em sala de aula sempre há outras crianças, se o professor observar algum aluno ou aluna praticando o autoerotismo, é importante explicar que isso se faz em ambientes privados, não havendo necessidade de se chamar os pais,

pois o próprio professor pode conversar e esclarecer sobre a importância da privacidade. É fundamental que o aluno não seja reprimido por sua atitude, pois o importante é mostrar que o local não é apropriado para isto e não o autoerotismo.

A autora também alerta que, se o aluno ou aluna repete o ato muitas vezes, o educador deve ter uma conversa particular, pois pode haver uma irritação nos genitais e conseqüentemente a mãe/o pai ou o responsável deverá ser comunicado, para que possam tomar algum procedimento apropriado, como orientação ou encaminhamento médico.

Considerações Finais

Este estudo enfatiza a necessidade de uma formação continuada, pois observamos mudanças de concepções entre os professores participantes dos grupos de estudos sobre Educação Sexual. Constatamos, porém que, para alguns, tais mudanças se deram apenas em um nível intelectual, racional, não tendo sido integradas ao seu modo de agir e de qualquer forma, um grupo de estudos sobre esta temática possibilitaria a estes uma ampliação da compreensão sobre o assunto, o que lhes permitiria uma revisão de atitudes, crenças e valores, propiciando uma postura profissional consciente, tendo como ponto de partida e de chegada, suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e seus desejos.

Todos esses aspectos nos fazem refletir sobre a necessidade de compreendermos que a sexualidade é parte integrante do ser humano, participante ativo de uma linha político social, como ser sexuado e que esta Educação Sexual precisa ser compreendida como toda ação que envolve uma aprendizagem sobre sexualidade humana, que esteja inserida em um conjunto de representações, valores, vivências e regras, pertencentes a todos nós. Para isto, faz-se necessário que nós educadores possamos desenvolver diretrizes e princípios filosóficos, éticos e políticos emancipatórios, a partir da consideração da ação de resistência e afirmação de novas culturas e valores presentes na sociedade brasileira atual, com o reconhecimento de que há uma marcha de cidadãos e cidadãs em busca de seus direitos e identidades, dando-nos condições para compreender e viver positivamente a nossa sexualidade.

Referências bibliográficas

ALVES, J. C. S.; CHAVES, A. C. L. (16/01/2008) *As necessidades e dificuldades da orientação sexual na visão dos professores de ciências de Porteirinha-MG*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rickdesiderio@hotmail.com>.

ALVES, R. (2008) *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

BARDIN, L. (2007) *Análise de Conteúdo*. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70.

BRASIL. Secretaria da Educação e do Desporto. (1997) *Proposta Curricular*. Versão preliminar. Florianópolis.

_____. (2001) Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. 3ª ed. – Brasília: MEC/SEF.

CARIDADE, A. (1997) *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu.

CHAUÍ, M. (1984) *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. 3ª ed. Brasiliense.

EGYPTO, A. C. e EGYPTO, M. M. (1990). Masturbação, in: BARROSO, C. e BRUSCHINI, C. *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. (pp. 30-34) 3ª ed. São Paulo: Cortez.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (1999) *Educação Sexual no dia-a-dia: 1ª coletânea*. Londrina: [s.n].

_____. (2006) *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Londrina, PR: Eduel.

_____. (2008) Auto-erotismo: orientação para educadores. *Folha de Londrina*, Londrina, 31 de jul. Cidades, Sexo & Comportamento, p.02.

FURLANI, J. (2007). *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

GUIMARÃES, I. (1995). *Educação Sexual na escola: Mito e realidade*. Campinas: Mercado de Letras.

MOTT, L. (2003). *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: GGB.

NUNES, C. A. (2005). *Desvendando a sexualidade*. 7ª. ed. Campinas: Papirus.

SIMONETTI, C. (1994). Sexualidade na adolescência e programas de Educação Sexual. *Boletim Transa Legal para Educadores*, vol. 1, n. 1. São Paulo, maio/jun, p.2.

WEREBE, M. J. G. (1998). *Sexualidade, Política, Educação*. Campinas, SP: Autores Associados.